



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Instituto de Geografia

Departamento de Turismo

Michelle Marques Braga

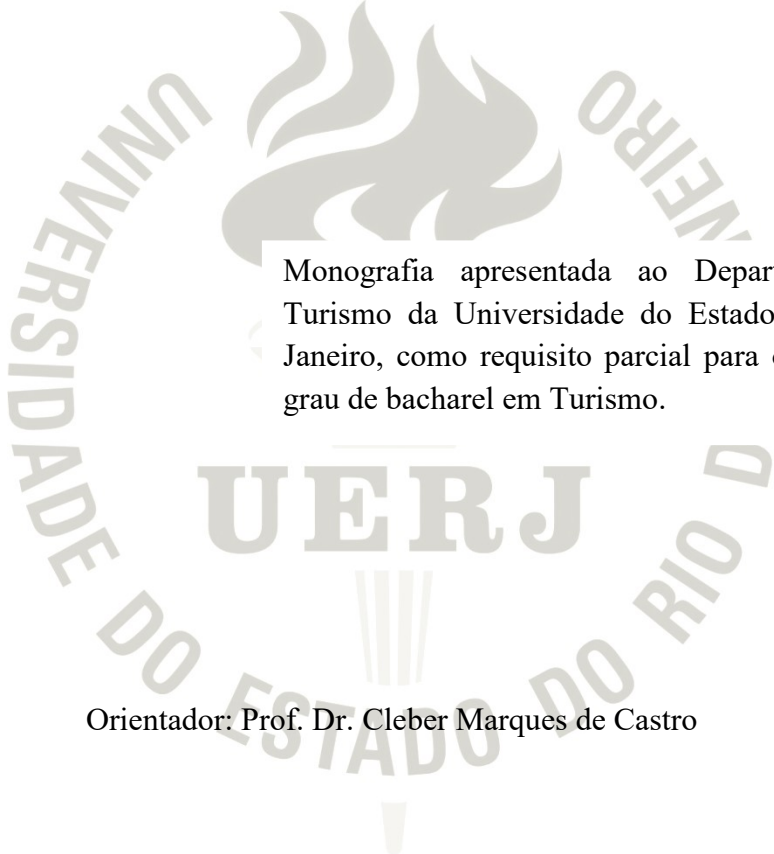
**Mapeamento Turístico Participativo: cartografando e desvendando a  
Granja Guarani (Teresópolis, RJ)**

Teresópolis

2016

Michelle Marques Braga

**Mapeamento Turístico Participativo: cartografando e desvendando a Granja Guarani  
(Teresópolis, RJ)**



Monografia apresentada ao Departamento de Turismo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Cleber Marques de Castro

Teresópolis  
2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CTC-T

B823 Braga, Michelle Marques.  
Mapeamento turístico participativo: cartografando e  
desvendando a Granja Guarani / Michelle Marques Braga. –  
2016.  
45 f. : il. mapas

Orientador: Cleber Marques de Castro.  
Monografia apresentada ao Departamento de Turismo da  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito  
parcial para obtenção do grau de bacharel em Turismo.

1. Cartografia – Granja Guarani (Teresópolis, RJ) –  
Monografias. 2. Turismo - Planejamento – Monografias. I.  
Título. II. Castro, Cleber Marques de. III. Universidade do  
Estado do Rio de Janeiro. Departamento de Turismo.

CDU 528.9(815.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Michelle Marques Braga

**Mapeamento Turístico Participativo: cartografando e desvendando a Granja Guarani  
(Teresópolis, RJ)**

Monografia apresentada ao Departamento de Turismo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Turismo.

Aprovada em 27 de abril de 2016.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Cleber Marques de Castro (Orientador)  
Departamento de Turismo - UERJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Clara Carvalho de Lemos  
Departamento de Turismo - UERJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Marcela do Nascimento Padilha  
Departamento de Turismo - UERJ

Teresópolis  
2016

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família que me deu coragem para enfrentar os obstáculos da vida e me ensinou a não apenas almejar grandes coisas, mas conquistá-las.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família, por me apoiar de todas as formas, desde o princípio, quando decidi cursar Turismo em Teresópolis. Foram inúmeras viagens de ida e volta e, mesmo com dificuldades, me incentivavam a prosseguir com orações, amor e muito afeto. Pai, mãe e irmão: amo cada um de vocês.

Ao meu namorado, por estar ao meu lado em todos os momentos e aos verdadeiros amigos que conheci nesta cidade e que pude compartilhar quatro anos de pura diversão, trabalho, estudos, viagens maravilhosas e saudades do lar. Vocês foram essenciais para minha experiência!

A Hágata Cristie e família, que me abrigou e me deu dedicação e carinho, como se eu fosse uma filha de sangue, por todos esses anos. Sempre me recordarei de todas as dificuldades passadas juntas e das alegrias que me proporcionaram. A vocês serei eternamente grata!

Ao professor Cleber Castro, meu orientador, pela paciência, por acreditar no meu sucesso, me ensinar a caminhar e amar a pesquisa acadêmica.

A todos os professores do Dtur por me amadurecerem enquanto graduanda e abrangerem meu conhecimento acerca da vida. Vocês tornaram possível meu sonho de ser uma turismóloga!

Quando fizeres algo nobre e belo e ninguém notar, não fique triste. Pois o sol faz um espetáculo lindo todas as manhãs e mesmo assim, a maioria da plateia ainda dorme.

*John Lennon*

## RESUMO

BRAGA, M. M.. *Mapeamento Turístico Participativo: cartografando e desvendando a Granja Guarani* (Teresópolis, RJ). 2016. 45 f. Monografia (Graduação em Turismo) – Departamento de Turismo, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Teresópolis, 2016.

O município de Teresópolis localizado na Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro é conhecido pelo título de “Capital Brasileira de Montanhismo”, atraindo diversos turistas dos segmentos ecoturismo e turismo de aventuras. Entretanto, acredita-se que os eventos pluviométricos ocorridos em 2011 influenciaram a percepção dos moradores quanto ao potencial turístico local. O objetivo deste trabalho é realizar um Mapeamento Turístico Participativo do bairro Granja Guarani, de acordo com a percepção dos moradores, que identifique novos ou pouco explorados atrativos turísticos visando combater a percepção de “cidade perigosa” e contribuir para uma maior participação popular no planejamento turístico local.

Palavras-chave: Cartografia Social. Planejamento Turístico. Granja Guarani.



## ABSTRACT

BRAGA, M. M.. *Tourist Mapping Participatory: “cartographying” and unveiling Granja Guarani (Teresópolis, RJ)*. 2016. 45 f. Monografia (Graduação em Turismo) – Departamento de Turismo, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Teresópolis, 2016.

The municipality of Teresopolis located in the mountainous region of Rio de Janeiro state is known by the title of "Brazilian Capital of Mountaineering", attracting many tourists from segments ecotourism and adventure tourism. However, it is believed that the rainfall events in 2011 influenced the perception of residents and the local tourist potential. The aim of this work is a Tourist Mapping Participatory of Guarani Granja district, according to the perception of residents who identify new or underexplored tourist attractions to combat the perception of "dangerous city" and contribute to a better popular participation in local tourism planning.

Keywords: Social Cartography. Tourism Planning. Granja Guarani.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa do Estado do Rio de Janeiro: Sedes Municipais 2016.....	15
Figura 2 – Esquema de composição de um atrativo turístico.....	17
Figura 3 – Lago Iacy.....	18
Figura 4 – Mirante da Granja Guarani.....	19
Figura 5 – Processo esquemático da comunicação cartográfica.....	27
Figura 6 – Ciclo real da comunicação cartográfica.....	28
Figura 7 – Fluxograma das etapas metodológicas do Mapeamento Turístico Participativo....	32
Figura 8 – Capela do Largo do Machado.....	33
Figura 9 – Participantes da oficina construindo croquis.....	34
Figura 10 – Material utilizado na oficina.....	34
Figura 11 – Interação dos participantes da oficina.....	35
Figura 12 – Mapeamento Turístico Participativo da Granja Guarani.....	38
Figura 13 – Tabela de atrativos e equipamentos da Granja Guarani.....	39

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1</b>	<b>UM ESTUDO DE CASO NA GRANJA GUARANI (TERESÓPOLIS, RJ).....</b>	<b>13</b>
1.1	Teresópolis e os riscos ambientais.....	13
1.2	A percepção geográfica do turismo.....	16
1.3	Granja Guarani: iluminada ou abandonada?.....	17
1.4	A percepção dos moradores.....	20
<b>2</b>	<b>CARTOGRAFIA SOCIAL: UMA NOVA OPORTUNIDADE DE INTEGRAÇÃO DA ATIVIDADE TURÍSTICA À COMUNIDADE RECEPTORA...22</b>	
2.1	Conceitos, origens e evolução.....	22
2.2	O planejamento turístico e a cartografia.....	26
2.3	A cartografia para o planejador e a cartografia para o turista.....	29
2.4	Cartografando a Granja Guarani: A oficina.....	31
2.5	Cartografando a Granja Guarani: Trabalhos de gabinete.....	35
<b>3</b>	<b>RESULTADOS OBTIDOS.....</b>	<b>36</b>
3.1	O Mapeamento Turístico Participativo da Granja Guarani.....	36
3.2	Diagnóstico Local Final.....	40
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>44</b>

## INTRODUÇÃO

As cartografias sociais estão adquirindo significativa importância nos estudos de gestão e planejamento de território nos últimos vinte anos, buscando valorizar a participação dos variados grupos sociais na representação do espaço geográfico em que vivem, como pode ser observado nos trabalhos de Acelrad e Coli (2008), Acelrad (2008), Mendonça Neto (2013) e no Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia desenvolvido por Almeida et al (2010). Aplicados ao turismo, os mapas oriundos dos anseios e percepções das comunidades envolvidas denotam sua dimensão cultural, social e ambiental e, portanto, são instrumentos que defendem a demanda popular e revelam novos pontos de interesse indicando o que deve ser valorizado como potencial turístico local na visão dos cidadãos.

Os eventos pluviométricos de 2011 que acarretaram em perdas materiais e imateriais nos bairros de Teresópolis (RJ) e outros municípios vizinhos revelam a necessidade de refletir sobre a atual ocupação bem como políticas públicas regionais. Acredita-se que além de mudar algumas paisagens locais, com base nos estudos de Braga et al (2013), a tragédia propiciou ao município uma imagem de cidade perigosa e afetou a percepção dos moradores e o turismo, atividade que contribui relevantemente para a economia do município.

A ideia desta pesquisa surgiu com o intuito de contribuir para uma maior participação da população no planejamento turístico local visando o bairro Granja Guarani, tendo como base os fundamentos de cartografias sociais para o desenvolvimento de um Mapeamento Turístico Participativo (MTP), item principal deste Trabalho de Conclusão de Curso, que vem sendo elaborado desde 2014 como projeto de Iniciação Científica com o apoio financeiro da FAPERJ. O MTP é, portanto, o produto final da pesquisa, trata-se de um único mapa síntese elaborado com os recursos turísticos apontados pela própria população do bairro selecionado. Ademais, ao final do estudo, também destaca-se o Diagnóstico Local Final, que aponta os principais anseios e carências gerais do bairro, além da percepção dos residentes no que tange ao desenvolvimento do turismo.

Pretende-se, com a construção do novo mapa confrontar a percepção de “cidade turística” e “cidade tranquila” com a percepção de “cidade de risco” marcada, sobretudo, pelos desastres pluviométricos de 2011. Pretende-se ainda com esta metodologia de mapeamento gerar subsídios para um melhor planejamento e valorização do espaço turístico local com maior participação da população no processo, combatendo aquilo que Veyret

(2007) intitula de “memória de risco”, em outras palavras, tragédias que marcaram consideravelmente o imaginário popular ao longo da história.

O objetivo principal deste Trabalho de Conclusão de Curso é valorizar novos aspectos do turismo local que não estão incluídos no elenco de atrativos e produtos turísticos “oficiais” de Teresópolis e fazer com que os moradores da Granja Guarani reconheçam o potencial turístico do seu bairro, participando dos processos de tomada de decisão. Acredita-se que colocando em evidência os novos ou pouco explorados recursos turísticos apontados pelos moradores através do mapa, o poder público poderia se interessar em melhorar a infraestrutura não só turística, mas geral do bairro em questão.

O percurso metodológico efetuado compreendeu em leituras acerca da percepção ambiental, geográfica e do turismo, planejamento turístico, cartografia em geral, sobretudo a cartografia social, e da cidade de Teresópolis. Trabalhos de campo também foram realizados no bairro em estudo para conhecer o local e fotografar, obter contato gradativamente com os moradores para a então realização da oficina participativa que foi crucial para elaborar o mapa síntese como resultado deste trabalho. A princípio, almejou-se trabalhar em um ambiente SIG (Sistema de Informações Geográficas) através da versão mais recente do *software Quantum Gis*, entretanto, como não foi possível obter bases cartográficas de Teresópolis, optou-se pelo *Google My Maps*, a ferramenta criadora de mapas do *Google*.

O primeiro capítulo discorrerá sobre o quanto a percepção da comunidade envolvida, neste caso os moradores da Granja Guarani, é importante para o planejamento turístico local, bem como sua rica concepção cultural e socioambiental podem aflorar novos ou pouco conhecidos atrativos turísticos se valorizados em oposição ao presente e visível abandono pelas políticas públicas de Teresópolis.

O segundo capítulo aborda diferentes tipologias de mapas segundo alguns autores, seus benefícios e exemplos de aplicação no campo do turismo. Além disso, aborda os primórdios da cartografia e os procedimentos e metodologias utilizados desde o início para a então elaboração do MTP da Granja Guarani, que consistem na leitura de diversos autores que abrangem os temas cartografia social, planejamento turístico e percepção; seguida de fichamentos e resumos, a escolha de um bairro, trabalho de campo e de gabinete.

O terceiro e último capítulo finaliza o estudo acerca da cartografia social como um instrumento de inclusão social no planejamento turístico apresentando os seguintes resultados: o mapa propriamente dito (elaborado através do *Google My Maps*, ferramenta do *Google* para criar, compartilhar e publicar mapas online) e o diagnóstico final (composto de ressalvas dos

moradores acerca do turismo e da infraestrutura do seu bairro, além de algumas propostas para solucionar os problemas apontados).

## **1 UM ESTUDO DE CASO NA GRANJA GUARANI (TERESÓPOLIS, RJ)**

Este capítulo inicia-se com as características de Teresópolis que formaram sua imagem turística ao longo dos tempos e a hipótese de como não apenas essa imagem, mas também a concepção de seus habitantes pode ter sido afetada por um agravante. Em seguida, há estudos acerca da percepção do turismo e dos moradores na visão de Xavier (2007) e Del Rio (1996), complementados por outros autores e, por fim, informações variadas sobre a Granja Guarani.

### **1.1 Teresópolis e os riscos ambientais**

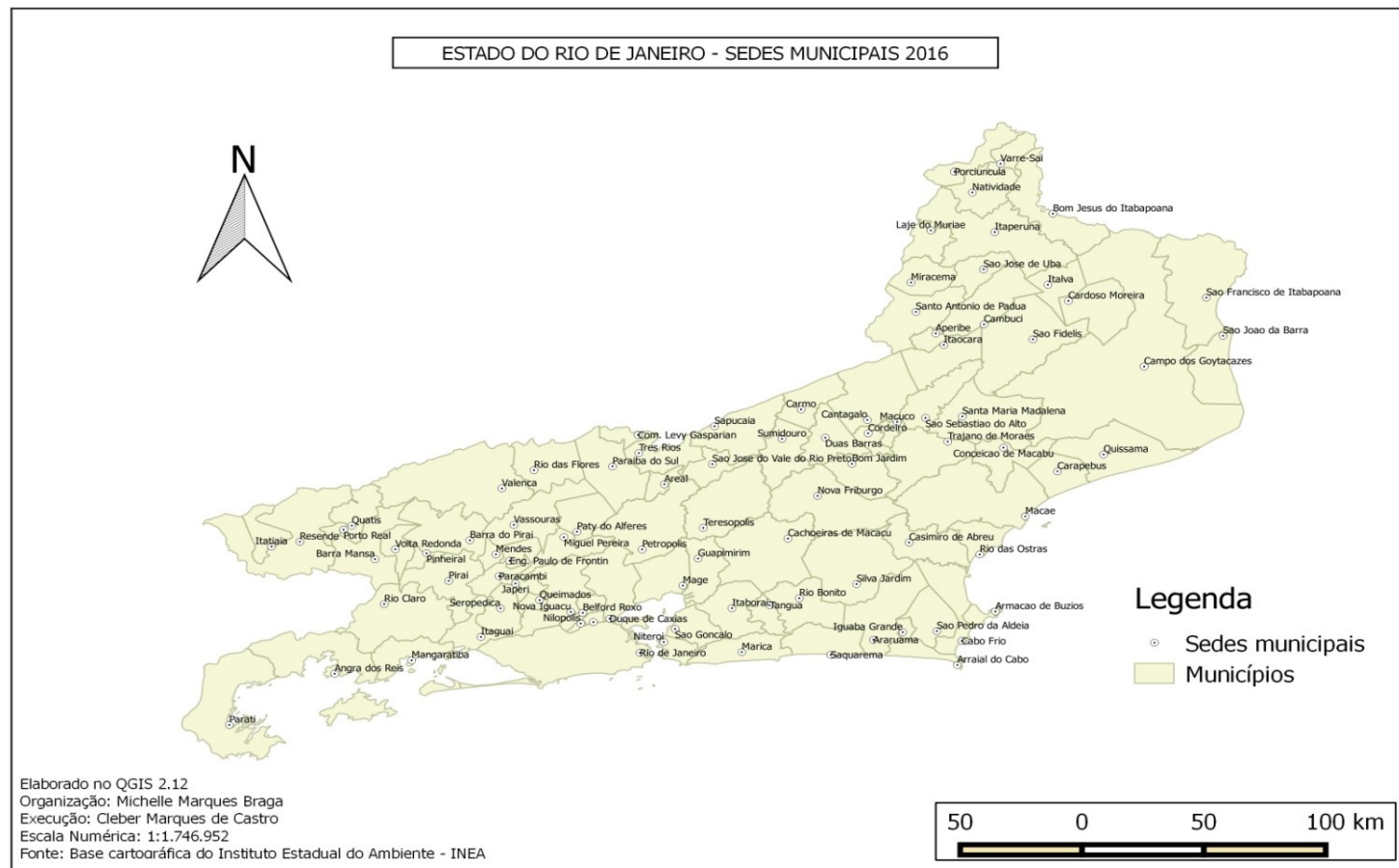
A cidade de Teresópolis localiza-se na Região Serrana e é um dos municípios mais altos do estado do Rio de Janeiro (figura 1) com aproximadamente 910 metros de altitude média (IBGE, 2015). Em função do ambiente serrano e de suas características topográficas, a cidade é reconhecida como a "Capital Brasileira do Montanhismo" e conta com famosas formações montanhosas: Dedo de Deus, Pedra do Sino, Agulha do Diabo, Pedra da Tartaruga e Mulher de Pedra. Lamego (2007) alega que a migração para Teresópolis se deu a partir da construção da estrada de ferro e o motivo para este deslocamento foi devido à paisagem incomparável da serra que propiciou ao município a notoriedade de "cidade natural".

Sua imagem turística foi construída com base em festivais culturais, no clima ameno e na diversidade dos atrativos naturais, abrigando três unidades de conservação: o Parque Nacional da Serra dos Órgãos, o Parque Estadual dos Três Picos e o Parque Municipal Natural Montanhas de Teresópolis. Também é válido destacar a famosa Feirarte (ou Feirinha do Alto) como um importante atrativo de cunho cultural que fomenta o turismo de compras. Entretanto, o município possui diversos problemas de ordem urbana, sobretudo, no que se refere à ocupação do território.

Em 2011, houve em Teresópolis um dos maiores desastres ambientais registrados no Brasil que teve como consequência mais de 900 mortos e desaparecidos e bairros parcial e completamente destruídos, segundo o portal de notícias G1 (2015). As enchentes e os desabamentos geraram uma percepção de risco que até então não existia na cidade. Ao longo dos anos, Teresópolis construiu sua imagem turística com base em festivais, no clima ameno da região serrana e nos atrativos naturais e culturais, entretanto, devido aos acontecimentos pluviométricos, as perdas materiais e imateriais aliadas à comoção social propiciaram um novo cenário quanto à percepção dos riscos ambientais.

Com base na pesquisa de Braga et al (2013), acredita-se que as fortes chuvas de 2011 prejudicaram a atividade turística local e afetaram a percepção dos habitantes sobre o próprio potencial turístico da cidade, visto que em uma amostra de 100 questionários aplicados, 39 pessoas responderam que Teresópolis não possui atrativos e apresenta uma infraestrutura precária, por tais motivos não pode ser considerada uma cidade turística. Observa-se ainda na pesquisa que aproximadamente 64% desses cidadãos habitam bairros que foram afetados pelas fortes chuvas de 2011, como Barra do Imbuí, Espanhol, Caleme, Três Córregos, Pessegueiros, Bonsucesso, Alto, São Pedro, Rosário, Jardim Meudom, Várzea e Vila Muqui, logo é válida a hipótese de que a tragédia propiciou um novo quadro de percepção sobre os riscos ambientais que afetaram a visão dos moradores sobre o potencial turístico local.

Figura 1 – Mapa do Estado do Rio de Janeiro: Sedes Municipais 2016.  
 Fonte: O autor, 2016.





## 1.2 A percepção geográfica do turismo

Os estudos de percepção geográfica e ambiental vêm sendo aplicados ao turismo, como nas obras de Xavier (2007), com o objetivo de explicar e avaliar atitudes e posturas das pessoas e grupos em relação ao setor, bem como o valor que elas atribuem ao ambiente como recurso turístico. O autor afirma que a percepção é o ponto de partida no desejo de realizar mudanças no ambiente, ela é crucial para perceber impactos negativos e na elaboração de estratégias de planejamento turístico. Além disso, Del Rio e Oliveira (1996) complementam que a percepção ambiental é formada através da interação do indivíduo com o ambiente, envolvendo mecanismos perceptivos e cognitivos e, sendo assim, pode ser um importante instrumento de avaliação do desenvolvimento do turismo bem como de valorização das potencialidades locais, pois permite captar visões e imagens desenvolvidas socialmente.

Neste sentido, o objetivo da pesquisa é mapear recursos turísticos e futuros atrativos com base na percepção ambiental e na “nova percepção de risco” dos moradores do bairro selecionado bem como captar de seus moradores os “mapas mentais” que, segundo Boullón (2002), são imagens da paisagem urbana/natural que os habitantes inconscientemente utilizam para reconhecerem, transitarem e se orientarem pelos lugares. Logo, este mapeamento turístico possibilitará uma identificação e valorização de novos aspectos locais da paisagem urbana e natural e permitirá que os moradores “reconheçam” sua realidade social através do mapa.

É fundamental destacar a participação da comunidade na atividade turística e como ela se insere neste processo, visto que

[...] se a comunidade local não estiver inserida e nem aceitar o desenvolvimento turístico local, ele estará fadado ao fracasso, pois os moradores podem rejeitar o turismo e tratar mal os visitantes, afetando diretamente o desenvolvimento da atividade. (CARVALHO, Stella Maria, 2010, p.3).

Sendo assim, é importante que a comunidade tenha um *feedback* dos mapeamentos participativos e se sinta valorizada ao “fazer parte” destas representações.

### 1.3 Granja Guarani: iluminada ou abandonada?

A Granja Guarani é um dos primeiros bairros após o pórtico da entrada do município de Teresópolis e faz fronteira com o Soberbo, Granja Comary e Parque do Ingá. O nome do bairro foi inspirado no romance de José de Alencar, “O Guarani”, visto que trata-se de um local com grande biodiversidade e abundância de arborizações, remanescentes da Mata Atlântica e alamedas que contornam ruas de lajotas de pedras cortadas do alto de uma antiga pedreira localizada no Parque Nacional da Serra dos Órgãos. De acordo com o Censo (2010), a população do bairro é de 2.504 habitantes.

Em relação aos atrativos turísticos, definidos pelo Sebrae (2010) como recursos turísticos que atendem com responsabilidade social, ambiental e cultural as especificações necessárias para comercialização e recepção dos turistas, o bairro contém alguns conhecidos que, porém, como atualmente carecem de infraestrutura e gestão turística, passam a ser considerados apenas recursos turísticos, visto que possuem potencial para serem produtos, porém necessitam de novas interferências na infraestrutura, gestão, segurança e promoção para tornarem-se atrativos novamente.

Figura 2 – Esquema de composição de um atrativo turístico



Fonte: SEBRAE, 2010.

Pode-se destacar o Mirante da Granja Guarani ou Quiosque das Lendas, um monumento histórico tombado pelo Instituto Estadual de Patrimônio Cultural (Inepac) que vem sofrendo com a falta de conscientização das pessoas e o abandono por parte do poder público. O Lago Iacy também é um patrimônio tombado por este instituto estadual, concebido pela família Guinle. De acordo com moradores antigos, o lago costumava ser um local agradável para as famílias se entreterem e contava com pedalinhos e mesinhas. Entretanto,

atualmente se encontra assoreado, poluído e atrai bandidos, prostitutas e usuários de drogas, segundo relatos de moradores feitos durante uma caminhada pelo bairro em trabalho de campo. Alimentadas pelo rio Paquequer que nasce na Pedra do Sino, as cascatas e cachoeiras da Granja Guarani, como o “Poço do Tarzan”, “Poço do Mariozinho”, “Poço do Meio” e “Poço de baixo” são atrativos naturais conhecidos e encontram-se superlotadas de banhistas, sobretudo no verão.

Figura 3 – Lago Iacy



Detalhe do assoreamento no Lago Iacy, evidenciando o seu abandono.  
Segundo os moradores, o lago também é alvo de despejo de lixo e atrai bandidos.  
Nota-se que toda a área do seu espelho d'água está tomada pelo assoreamento e crescimento de vegetação.  
Fonte: O autor, 2014.

Figura 4 – Mirante da Granja Guarani



Mirante da Granja Guarani em péssimo estado de conservação. Observa-se que o atrativo se tornou alvo de vandalismo, tendo alguns de seus azulejos portugueses retirados, colunas e teto picados e destruídos.  
 Fonte: O autor, 2014.

Todavia, o bairro também é rico em recursos turísticos de cunho sociocultural ainda pouco explorados pelo poder público local e pelos próprios teresopolitanos. Destacam-se algumas lendas que culminaram entre os anos 60 e 80, atualmente pouco conhecidas por seus moradores, mas que podem ser encontradas no *blog* da Granja Guarani Iluminada (2015), na aba “Os indiozinhos da Granja Guarani”. Uma delas é o Lobisomem da Granja Guarani, apelidado de “Seo Xandico”, um senhor branco, magro e alto que morava na rua que dava acesso ao centro do bairro, atualmente conhecida como Rua José Bonifácio. Além do lobisomem, os moradores também contam sobre a mula sem cabeça que aparecia sempre numa lajota de pedra, hoje nomeada de Rua José Clemente Pereira. Contam alguns residentes que a Alameda Curupiras também não possui este título porventura, visto que criaturas folclóricas assustavam crianças neste local.

No *blog* Granja Guarani Iluminada (2015) elaborado e atualizado pela Associação de Moradores e Amigos da Granja Guarani (AMAGG) há contos das travessuras dos chamados “indiozinhos da Granja Guarani”, que remetem as crianças da época. Uma de suas diversões

eram a caça/pesca, dentre os animais mais desejados estavam: tanajura, caranguejo, pitú, cará, bagre, tilápia, dentre outros, que eram levados para a casa e cozinhados, resultando em pratos como a farofa de tanajura, caranguejo cozido, pitú cozido, e variados tipos de peixes fritos. Destaca-se ainda uma pequena fruta amarela chamada por eles de “marianeiras” que, quando madura, possui sabor adocicado.

A Granja Guarani também possui influências do futebol, marcada pelo União Futebol Clube, time do bairro que disputou diversos torneios amadores e amistosos. A equipe sempre foi composta de moradores do bairro, identificados pela camisa vermelha do uniforme. O clube ainda existe atualmente e é mantido com trabalho voluntário de alguns habitantes desde o final dos anos 60.

Percebe-se que o bairro possui muitos recursos turísticos que poderiam ser mais valorizados e transformados em atrativos “oficiais” da cidade de Teresópolis. Contudo o bairro, considerado por seus moradores abandonado pela prefeitura, apresenta problemas de infraestrutura geral sendo habitado por diferentes classes sociais, onde condomínios de alto poder aquisitivo contracenam com áreas de escassa iluminação, pavimentação e assistência à população (médicos, creches, transporte etc.). Além disso, de acordo com os relatos dos residentes, devido aos eventos pluviométricos intensos de 2011, houve desabamento de moradias e, entretanto, ainda é possível encontrar algumas instalações construídas irregularmente e próximas a encostas.

#### 1.4 A percepção dos moradores

A percepção pode se tornar uma importante ferramenta no processo de avaliação do desenvolvimento do turismo e de valorização das potencialidades locais, visto que permite captar visões e imagens dos indivíduos que são construídas socialmente. Vale ressaltar que, de acordo com Del Rio (1996) a percepção é formada por mecanismos perceptivos (aqueles relacionados aos cinco sentidos) e cognitivos (aqueles relacionados a valores, vivências). Tais processos cognitivos também estão presentes na representação social dos indivíduos, definida como “forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos [...]” (MOSCOVICI, 2009, p.48). Sendo assim, a representação social dos moradores do bairro

Granja Guarani é fundamental no processo de elaboração dos mapas, pois conterão tais imagens e sentidos de cada um.

Valorizar tais mecanismos que compõem a percepção dos residentes é crucial para o processo de tomada de decisão do planejamento turístico uma vez que também serão afetados negativamente ou beneficiados em virtude dos consequentes impactos. Em outras palavras, atender as expectativas dos turistas não deve ser a única preocupação ao pensar em medidas de planejamento turístico local. Além disso, Sachs (1993) defende que reconhecer os valores e anseios da população converge com a ideia de sustentabilidade no que tange aos aspectos socioambientais, culturais e econômicos. Nesse sentido, Krippendorf (2009) complementa: “Como vivem os autóctones a experiência do turismo? A predominância do interesse econômico e o foco de pesquisas na satisfação do turista e nos “estudos de mercado” negligenciam sobremaneira a dimensão do morador local, do autóctone.” (p.70).

Castro (2002) salienta que o planejamento turístico realizado de forma a beneficiar apenas os turistas pode prejudicar a relação social entre eles e os residentes, cujo ideal que seria a cordialidade pode se transformar em hostilidade. Ele afirma:

A população residente acalenta sentimento ambivalente para com o turista. Com efeito, aquela vê neste um consumidor; portanto, alguém que incrementa o comércio local. Ao mesmo tempo, o turista fere o sentimento de propriedade; ele é visto como um invasor do local do residente, um “destruidor” do ambiente físico e sociocultural. (CASTRO, 2002, p.131)

Sendo assim, as oficinas participativas que acarretam no mapeamento turístico participativo do bairro Granja Guarani (Teresópolis, RJ) como produto final também evidenciam as principais vulnerabilidades no que tange ao turismo local de acordo com os moradores (descritas no item 3.2), bem como ensejam uma melhor gestão turística local. Quanto à percepção dos residentes, captadas durante a oficina participativa (mais detalhes no item 2.4), percebe-se através de relatos que o turismo na Granja Guarani atualmente é “ilusório”. Os poucos turistas que ainda circulam pelo bairro - desinformados ou ainda guiados pelos sites oficiais de turismo da cidade que omitem a real situação de calamidade dos atrativos - apenas estão procurando o conservado Mirante da Granja Guarani ou o belo Lago Iacy de águas correntes.

## 2 CARTOGRAFIA SOCIAL: UMA NOVA OPORTUNIDADE DE INTEGRAÇÃO DA ATIVIDADE TURÍSTICA À COMUNIDADE RECEPTORA

A cartografia é o principal tema de debate deste capítulo. Nos últimos anos, vem adquirindo maior importância no planejamento e gestão do território e oferece diversas vantagens quando aplicada ao turismo, como na produção de dados acerca do turismo em variadas escalas (local, regional, global) que auxiliem no aperfeiçoamento geral da atividade ou no possível desencadeamento da mesma. Acselrad (2008) e Pickles (2004) *apud* Pinder (2007), por exemplo, convergiram ideias sobre o “empoderamento” que a cartografia pode proporcionar a um determinado grupo social ao passo que Mendonça Neto (2013), Martinelli (2009) e Duarte (2008) apresentarão distintas concepções acerca da evolução da cartografia.

### 2.1 Conceitos, origens e evolução

Alguns estudiosos como Mendonça Neto (2013) afirmam que a cartografia surgiu através das primeiras representações de orientação e delimitação do espaço, produzidas pelo homem primitivo na parede de cavernas, troncos de árvores e no couro dos animais mortos. Tais representações continham informações como rotas de caça, localização de fontes de água ou mesmo áreas de lazer. Posteriormente, com a evolução do homem a cartografia continuou presente. Os povos antigos produziam rotas comerciais e trajetos de exploração, conflitos e conquistas, pode-se citar como exemplo os mapas elaborados pelas expedições de Alexandre, o Grande.

O Renascimento permitiu um maior avanço da cartografia devido ao início das relações capitalistas e o fortalecimento dos acordos comerciais entre Ocidente e Oriente. Para Martinelli (2009) a necessidade de desenvolver mapas e o uso da bússola aliados a invenção da imprensa no século XV desencadearam a reprodução, a redução do custo unitário e uma maior acessibilidade aos mapas. Sendo assim, para o autor, é neste momento em que há a passagem do mapa como um registro/memória para o mapa como uma mercadoria. Além disso, os povos que habitavam os demais continentes estavam submetidos às cartografias produzidas pela burguesia europeia que “confirmaram-se como armas do imperialismo,

promovendo a política colonial” (MARTINELLI, 2009, p.9). Os avanços tecnológicos permitiram que a cartografia fosse introduzida no campo da informática por onde se perdura até os tempos atuais, sendo assim, Taylor (1994) deu origem ao termo “Cartografia Cibernética” ou “Cibercartografia”.

Sob outra perspectiva, Duarte (2008) salienta que a evolução da cartografia teve contribuição de variados povos: babilônios, egípcios, maias, esquimós, astecas, chineses, dentre outros, porém cada um com suas particularidades que refletiam os aspectos sociais, culturais e econômicos da sociedade que o produziu, uma vez que “o mapa representa o olhar e a percepção de quem o elabora, justificativa para a existência da cartografia social, que implica ideologias, saberes, manifestações culturais e questões políticas” (MENDONÇA NETO, 2013, p.4).

Os avanços e os aperfeiçoamentos possibilitaram uma diversificação da cartografia científica e, neste contexto, surge a cartografia temática no fim do século XVIII e início do século XIX. Entretanto, a cartografia social ou o mapeamento participativo como um segmento da cartografia temática surge apenas no final do século XX, com o objetivo de introduzir a participação das populações locais na produção de mapas. De acordo com Ascelrad e Coli (2008) o intuito inicial da cartografia social era gerar mapas com base nos saberes das comunidades que facilitassem a gestão de recursos naturais e conflitos de interesse, logo envolvia instituições nacionais e até mesmo internacionais como ONGs, organizações indígenas, agências governamentais, universidades e fundações privadas. A diferença entre a cartografia convencional e a cartografia social é o fato de que os mapeamentos participativos não apenas significam representações gráficas do espaço apontando localidades, mas também valorizam “o quê esse ponto/localidade representa para um indivíduo ou grupo” (MENDONÇA NETO, 2013, p.1).

A cartografia social é entendida como “a apropriação de técnicas e modos de representação cartográficos modernos por grupos sociais historicamente excluídos dos processos de tomada de decisão” (ACSELRAD, 2008, p.17). Estes grupos sociais que se tornam os “cartografantes”, termo designado pelo próprio autor, passam a ganhar maior visibilidade, reconhecimento, afirmação e “empoderamento” social em casos de conflitos, uma vez que os mapas revelam não apenas potencialidades, mas também os problemas que envolvem o território e a comunidade. Logo, vale ressaltar que não somente pretende-se apontar atrativos ou recursos turísticos da Granja Guarani abandonados ou desconhecidos por parte do poder público com base na percepção dos moradores, porém também seus principais anseios e carências no que tange ao turismo local.



Na literatura internacional, Pickles (2004) *apud* Pinder (2007) defende a premissa de que os mapas precedem os territórios que representam uma vez que inserem fronteiras e, sendo assim, determinam a organização do espaço. Um exemplo apontado ainda na mesma obra que converge com a ideia de “empoderamento” de Acselrad (2008) ressalta até que ponto um mapa pode ser usado como um objeto de manipulação visando vantagens territoriais, ainda que ultrapasse as leis internacionais e os direitos humanos. Em 2002, a Associação Israelense dos Arquitetos Unidos banuiu o mapa intitulado “Ocupação Civil” que representava territórios das colônias israelenses inseridos em territórios palestinos. Tais colônias foram construídas após a Guerra dos Seis Dias, porém não são reconhecidas internacionalmente pela ONU, uma vez que a questão do território atualmente ainda encontra-se não definida. Sendo assim, Weizman (2007) *apud* Pinder (2007) afirma que uma linha não é apenas algo abstrato, mas cada mudança causada por ela pode definir o destino de um bairro, uma aldeia ou de um grupo de casas.

Para Pinder (2007), o caminho mais plausível para desconectar as cartografias do “empoderamento” de instituições e autoridades é valorizando novos meios de cartografar que sejam “mais exploratórios, experimentais, lúdicos e populares [...]”<sup>1</sup>(PINDER,2007, p.454, tradução nossa). Deste modo, a cartografia social seria um mecanismo pertinente visto que a participação popular no processo de mapeamento é imprescindível.

Em escala nacional, o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia vem se tornando um exemplo de como as comunidades podem participar do processo de desenvolvimento do espaço em que vivem. Trata-se de um projeto acadêmico iniciado em 2005 que busca, através de mapas, representar as demandas das comunidades tradicionais da Amazônia bem como as ameaças que as cercam.

O projeto responde a demandas de movimentos sociais baseados em identidades étnicas, raciais e de gênero que buscam representar-se cartograficamente. Os movimentos e associações locais procuram plotar em mapas suas terras e territórios, não constrangidos por limitações decorrentes de processos de zoneamento ou ordenamento territorial. (ALMEIDA ET AL, 2010, p. 114).

Ademais, alguns mapas deste projeto estão sendo utilizados como ferramentas de debates para solucionar problemas de manejo da terra e dos recursos naturais, propiciando o diálogo entre o conhecimento das comunidades tradicionais e o conhecimento científico,

---

<sup>1</sup> O texto em língua estrangeira é: “While much academic discussion has tended to portray maps as a discourse of the powerful, and mapping as an instrument of power and authority, these practices suggest the potential for other ways of conceiving them as more exploratory, experimental, playful, popular and even subversive activities.”

afinal as tradições nativas dependem diretamente do meio ambiente. Como um caso de êxito dos mapas produzidos pelo projeto, pode-se citar o da Aldeia Indígena Beija Flor, no Amazonas, elaborado e utilizado pela comunidade indígena para solicitar demarcações e regularizações das terras comunitárias. Em resposta a este projeto, recentemente, o governo vem reconhecendo os direitos dos povos e comunidade tradicionais a respeito de seus territórios, atitude essencial para garantir o modo de vida das comunidades indígenas e proteger o meio ambiente.

Outro exemplo de trabalho nacional que utiliza de mapeamentos participativos para defender um modo de vida tradicional foi produzido por Ferreira et al (2014) em Majorlândia (CE). O principal objetivo desta pesquisa é reforçar a identidade cultural dos artesãos de garrafas de areia colorida, através de mapas, para que estes possam lutar por seu reconhecimento territorial e combater as ameaças às falésias, principal matéria prima dos artesanatos vendidos aos turistas.

Por se tratar de um recurso natural finito, verifica-se a preocupação dos artesãos com problemas decorrentes das alterações no uso do solo na região e aos constrangimentos existentes em relação à ameaça que o crescimento urbano pode causar ao livre acesso à área de extração das areias coloridas. O mapeamento participativo é uma ferramenta utilizada para dar voz a populações tradicionais, geralmente excluídas dos mapeamentos oficiais [...] (FERREIRA ET AL, 2014, p. 1).

Acredita-se que munidos do mapeamento participativo os artesões de Majorlândia (CE) podem reivindicar políticas públicas que defendam as práticas de construção das garrafas de areia colorida como patrimônio cultural regional e a criação de unidades de conservação visando proteger os recursos naturais que tornam esta prática viável.

Os mapeamentos participativos podem ser subsídios para novos meios de pensar, organizar e gerir o espaço turístico da Granja Guarani, o primeiro passo para que isto aconteça é fazer com que os moradores apontem novos pontos de interesse para atrair turistas que não mais procurarão apenas pelo Mirante do bairro ou pelo Lago Iacy. Para o turismo, a cartografia social surge como uma oportunidade de integração da atividade turística à comunidade receptora, haja vista a participação escassa da população no processo de planejamento turístico.

## 2.2 O planejamento turístico e a cartografia

Alguns autores como Duque e Mendes (2006) acreditam que o turismo e a cartografia são aliados desde 3000 a.C., visto que há registros de mapas do antigo Egito e, naquele momento, este já era considerado um lugar aprazível. Sendo assim, supõe-se que os mapeamentos já eram utilizados como uma ferramenta de localização e orientação para viajantes. Todavia, a cartografia aplicada ao turismo não só torna-se útil a fim de facilitar um deslocamento. Para o planejamento turístico, por exemplo, propicia maior confiabilidade de informações adquiridas, uma melhor análise espacial e elaboração de diagnósticos e prognósticos.

Oliveira (2005) afirma que a cartografia como colaboradora do planejamento do turismo revela-se na etapa de diagnóstico, ou seja, de levantamento de informações acerca da situação atual de uma determinada localidade. Quanto à finalidade de uso, os mapas contribuintes para o planejamento turístico podem ser classificados pelo autor em: mapas para o turismo, mapas para turistas e mapas sobre o turismo.

Os mapas para o turismo consistem naqueles que permitem uma análise da potencialidade turística de um determinado local, sendo assim, é possível saber se um lugar é capaz de receber um empreendimento turístico (como hotéis e *resorts*) de tal forma que este seja um bom investimento e apresente retornos. Além disso, estes mapas-análise também são importantes para perceber que um local necessita de aprimoramentos para alavancar o turismo. Os mapas para o turismo são considerados pelo autor mapas básicos, que podem ser elaborados apenas através de fontes primárias (*Global Positioning System* – GPS, bússolas, questionários e entrevistas), que auxiliarão na localização dos atrativos potenciais e no levantamento de dados. Todavia, também podem ser elaborados através de fontes secundárias, ou seja, mapas já existentes, como por exemplo aqueles de posse do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), da Diretoria de Serviço Geográfico do Exército (DSG), de órgãos governamentais, instituições privadas, etc.

Os mapas de infraestrutura são exemplos de mapas para o turismo, uma vez que determinam se é possível fomentar a atividade turística dada a atual circunstância através dos dados que apresentam, tais como: redes de energia elétrica, água tratada, coleta de esgoto, malha viária, etc.

Já os mapas para turistas são aqueles considerados subsídios para a implementação das

atividades turísticas. Possuem a função de localizar com exatidão os atrativos e/ou empreendimentos turísticos de um determinado local. Desta forma, os mapas para os turistas devem ser claros e descartar quaisquer informações desnecessárias que complicariam a interpretação do receptor.

O mapa deve ser visto como um mecanismo de comunicação visual entre aquele que o elabora e o turista, sendo assim, Duarte (1991) apresenta um processo esquemático da comunicação cartográfica:

Figura 5 – Processo esquemático da comunicação cartográfica

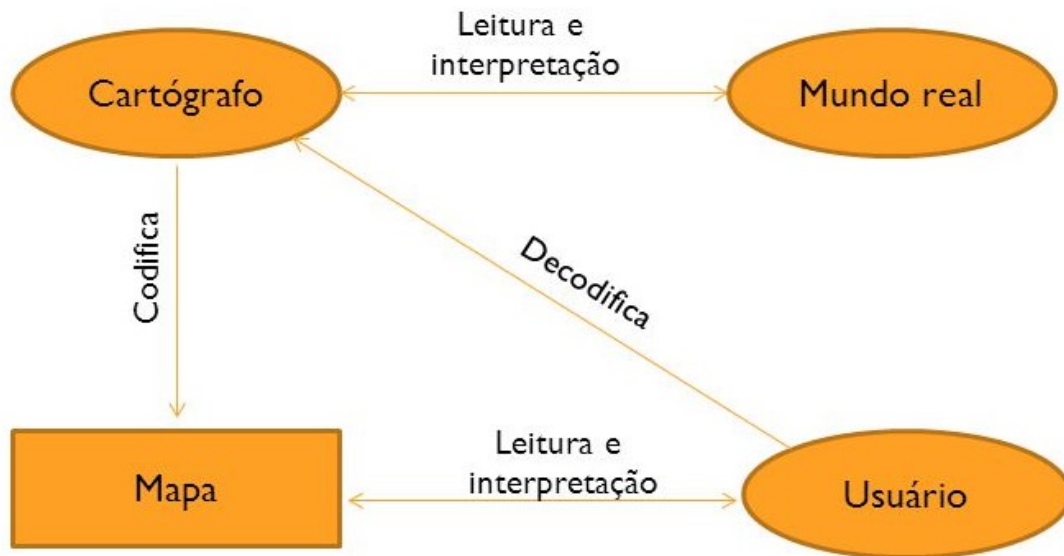


Fonte: DUARTE, 1991.

De acordo com o autor, o emissor (aquele que constrói o mapa) deve atentar-se para um tema e possuir um domínio do repertório para passar a mensagem através do veículo (mapa) ao receptor (turista). O leitor do mapa deve decodificar os signos (legenda, cores, símbolos, etc.) para entender o que está representado e, então, para que o processo de comunicação visual seja finalizado com sucesso.

Menezes e Fernandes (2013), assim como Duarte (1991), também apresentam um esquema mais claro acerca de como se dá o processo real da comunicação cartográfica:

Figura 6 – Ciclo real da comunicação cartográfica



Fonte: MENEZES & FERNANDES, 2013.

Neste modelo, o cartógrafo faz a leitura e interpretação do mundo real e codifica as informações para elaborar o mapa. O usuário, por sua vez, sem ter contato com o mundo real interpretado pelo cartógrafo faz a leitura e interpretação das informações contidas no mapa para então decodificar e captar a mensagem emitida pelo cartógrafo. Dessa forma o receptor, através do mapa, decodifica a visão que o cartógrafo possui acerca do mundo real, ao invés de adir sua própria visão. Nesse sentido, Menezes e Fernandes (2013) ressaltam, ainda em sua obra, que o ideal é que o receptor reconstitua o mundo real, ao invés de decodificar o mundo real interpretado pelo emissor.

Por fim, os mapas sobre o turismo são definidos por Oliveira (2005) como ferramentas de avaliação de atividades turísticas já implementadas. O turismo necessita ser analisado de forma constante, visto que uma série de fatores (tais como impactos, concorrência, catástrofes, etc.) pode prejudicar o seu fomento e, sendo assim, cabe ao planejador identificar estes problemas e apresentar alternativas para reverter a situação. São exemplos de mapas sobre o turismo aqueles que fornecem: número de turistas que frequentam determinado atrativo, número de hotéis, de placas sinalização, de serviços turísticos, dentre outros.

O autor resalta, ainda, que o grande problema enfrentado pelas atividades comerciais e turísticas no Brasil é a falta de planejamento, ou seja, um estudo que anteceda a implantação de tais atividades:

[...] a manutenção de um empreendimento turístico, assim como os de outras modalidades, também deve prever um constante acompanhamento do padrão dos serviços ofertados e sua relação com o grau de satisfação dos usuários – os turistas (OLIVEIRA, 2005, p. 43-44).

Portanto, os três mapas apresentados pelo autor são ferramentas de gestão que devem auxiliar nas tomadas de decisões e definições de planos e políticas que estimulem o desenvolvimento do turismo. Além disso, Oliveira (2005) também aponta que cartografia não deve ser pensada como apenas um instrumento que favoreça alguns economicamente, mas como uma ferramenta de igualdade social, buscando trazer melhorias para todos, ele a define como “[...] instrumento a serviço da qualificação do turismo não só como atividade geradora de renda para alguns, mas principalmente como instrumento de melhoria das condições econômicas de muitos.” (OLIVEIRA, 2005, p. 44).

### **2.3 A cartografia para o planejador e a cartografia para o turista**

Divergente às classificações de Oliveira (2005) que aludem sob qualquer circunstância a gestão do turismo, Duque e Mendes (2006) dividem a cartografia em apenas duas vertentes: a cartografia para o planejador da atividade turística e a cartografia para o turista.

A cartografia para o planejador da atividade turística é aquela que caracteriza-se por proporcionar uma análise do território onde o turismo está inserido, além de ter a função de agregar informações, aliada a um Sistema de Informações Geográficas (SIG). Para elaborar um diagnóstico, que é um levantamento de dados acerca da atividade turística, é necessário que haja um cenário da situação atual da comunidade receptora e uma pesquisa de oferta e demanda. Desta forma é possível, através de mapas, identificar os níveis de emprego, escolaridade, consumo, participação da comunidade na produção de bens e serviços, dentre outros. Há também outros dados que podem ser mapeados que contribuem diretamente com o turismo, como índice de limpeza urbana, de tratamento de água e esgoto, de receptividade ao turista, manifestações culturais e outros exemplos que podem servir de recurso para um aprimoramento da atividade turística e da estrutura básica local e/ou levantamento de novos/pouco explorados atrativos turísticos (históricos, socioculturais, naturais).

Mapear dados relevantes para o turismo não apenas auxilia o planejador no monitoramento espacial de um território turístico. A cartografia é um instrumento para além

da gestão pública local, pois ela também pode ser útil para o capital privado. As pesquisas de demanda turística possibilitam a elaboração de mapas que demonstrem os principais pontos de maior fluxo de turistas e os principais equipamentos utilizados por eles por exemplo, assim orientando os empreendedores quanto aos locais mais adequados para se investir, reduzindo o risco de investimento e aumentando as chances de garantir um retorno rápido.

Além disso, a cartografia também dispõe de dados que viabilizam a parceria público-privada. Nesse sentido, Duque e Mendes (2006) salientam que:

De posse de informações como localização do comércio, acesso aos atrativos, entre outras, pode-se propor novos trajetos para que o turista percorra, fazendo com que ele visite áreas comerciais e/ou outros pontos de interesse, assim despendendo mais capital que o habitual. (Duque e Mendes, 2006, p.81).

Através da análise do diagnóstico pode-se pensar em alternativas para resolver possíveis problemas e em estratégias que fomentem a atividade turística. Esta etapa do planejamento turístico é denominada prognóstico e é crucial para que o planejador preveja situações futuras e possa alterá-las, redefinir metas e objetivos, reformular planos de ações. Na elaboração de um prognóstico a cartografia possui o importante papel de projetar cenários futuros, o que permitirá que o planejador da atividade turística antevê falhas e impactos (sociais, ambientais ou econômicos) e posteriormente possa avaliar e corrigir seus métodos e objetivos.

A cartografia para o turista é aquela que possui como principal objetivo orientar o usuário no espaço turístico de forma que ele possa obter maior aproveitamento possível. O “cartografante” passa uma mensagem ao turista através de símbolos e cores contidos em uma imagem, assim como ilustrado no processo esquemático da comunicação cartográfica de Duarte (1991), contido no subcapítulo anterior. Títulos e subtítulos, legendas, escalas e orientações (tais como indicadores cardiais, coordenadas geográficas, dentre outros) são instrumentos inseridos no mapa que facilitam a interpretação, por parte do receptor, daquilo que está sendo representado.

Logo, é importante que o turista sinta-se seguro ao utilizar o mapa como referência para obter noções de distância, direção e localizar determinados lugares de seu interesse. O mapa também implicará no processo de tomada de decisão, como na escolha do atrativo que o usuário deseja visitar e, sendo assim, também pode ser considerado um instrumento de *marketing* para o turismo local.

A cartografia enquanto fornecedora de informações para o planejador e canal de comunicação para turistas torna-se um fundamental recurso de fomento da atividade turística,

todavia, ambas as vertentes da cartografia idealizadas por Duque e Mendes (2006) não apenas deveriam ser úteis e atender as expectativas de planejadores e turistas, mas também da comunidade receptora. Quanto ao planejamento turístico, novamente, destaca-se a importância da população em todas as suas etapas, seja na determinação de objetivos e metas, elaboração de diagnósticos e prognósticos ou na (re)formulação de diretrizes. Por outro lado, quanto a facilitar o deslocamento bem como promover atrativos, a mesma cartografia voltada para o turista fomentaria um reconhecimento local e um melhor aproveitamento do espaço turístico também por parte dos moradores, visto que muitos podem ainda desconhecer o potencial turístico de onde habitam e estar deixando de usufruir dos equipamentos, recursos, atrativos e serviços turísticos locais.

O Mapeamento Turístico Participativo (MTP), produto final desse trabalho de conclusão de curso, surgiu como ideia de identificação de novos recursos turísticos que podem tornar-se atrativos da cidade, de um projeto de Iniciação Científica de Braga e Castro (2014) agraciado com recursos da FAPERJ denominado “*Mapeamento de Atrativos Turísticos Atuais e Potenciais com base em cartografias sociais visando o Planejamento do Espaço Turístico em Teresópolis (RJ)*” desenvolvido no Departamento de Turismo (Dtur) e vinculado ao Projeto de Pesquisa “*Percepção de Riscos Ambientais e a (Des)Construção do Imaginário Turístico em Teresópolis (RJ): mapeamento do potencial turístico com base em cartografias sociais*”. O MTP abrange as classificações descritas por Oliveira (2005) e Duque e Mendes (2006), visto que não somente é útil para o planejador (seja mapas para ou sobre o turismo) ou somente para o turista. Ressalta-se aqui a importância do MTP em abranger, além de planejador e turista, as necessidades da comunidade receptora também, que está inclusa em todo o seu processo de construção.

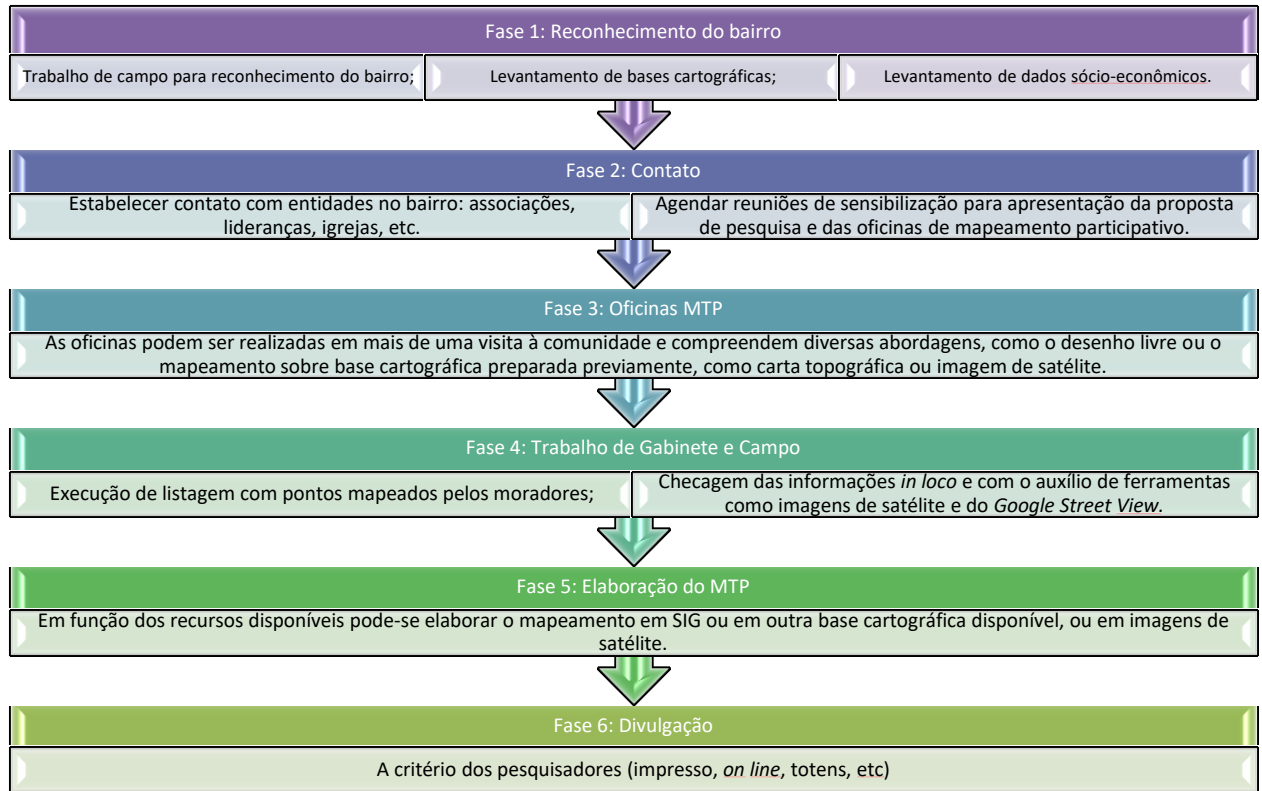
#### **2.4 Cartografando a Granja Guarani: A oficina**

Este subcapítulo inicia a etapa de metodologia do MTP. Após a revisão bibliográfica e a escolha da Granja Guarani como estudo de caso, dada a existência de recursos turísticos mal explorados e a de riscos ambientais no bairro, parte-se para as etapas de efetivamente construir o Mapeamento Turístico Participativo, são elas: trabalho de campo seguido de uma oficina participativa, trabalho de campo pós oficina – com intuito de checar as informações



advindas dos moradores - e trabalho de gabinete. Abaixo, pode-se encontrar um fluxograma com detalhes das fases de metodologia de construção do MTP.

Figura 7 – Fluxograma das etapas metodológicas do Mapeamento Turístico Participativo



Fonte: O autor, 2016.

O trabalho de campo (pré e pós oficina) é fundamental para ter um reconhecimento local e um primeiro contato com os residentes, sobretudo com a associação de moradores do bairro. Foi importante obter este apoio para que houvesse uma sensibilização durante a realização da oficina, momento em que os moradores estiveram livres para, em cartolinas e folhas de tamanho A4, criar suas representações do espaço através de desenhos e croquis, em outras palavras, pontuar lugares que para eles possuem alguma atração, que mereçam maior atenção das autoridades e/ou que possam fazer parte de um roteiro turístico, além de fazer comentários e relatos a respeito das principais carências do bairro. Vale ressaltar que no momento de sensibilização anterior ao acontecimento da oficina, houve uma conversa informal com os moradores no intuito de apresentar o objetivo do mapeamento participativo bem como sua definição e de ouvir as demandas da comunidade. A oficina participativa ocorreu no dia 7 de dezembro de 2014, pela manhã, na Capela do Largo do Machachinho,

espaço cedido pela comunidade católica Imaculado Coração de Maria, envolvendo 15 pessoas (dentre adultos e crianças), momento favorável de contribuição para a troca de informações entre comunidade e meio acadêmico.

Figura 8 – Capela do Largo do Machadinho



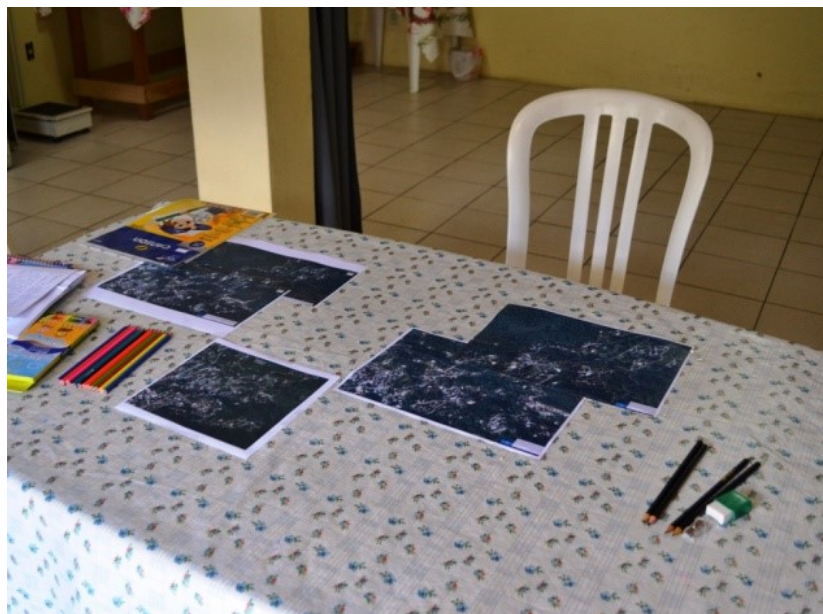
Espaço cedido pela comunidade católica Imaculado Coração de Maria e local da realização da oficina participativa na Granja Guarani.  
Fonte: O autor, 2014.

Figuras 9 – Participantes da oficina construindo croquis



Crianças e adultos criando suas representações de espaço através de croquis conforme as explicações do orientador e orientanda a respeito do mapeamento participativo.  
Fonte: O autor, 2014.

Figura 10 – Material utilizado na oficina



Instrumentos necessários para a elaboração dos croquis.  
Observam-se sobre a mesa fotografias impressas em tamanho A4 de imagens de satélites do bairro retiradas do *software Google Earth* como base de localização para orientar nos desenhos, lápis, borracha, apontador, folhas A4 e anotações com os relatos dos moradores.  
Fonte: O autor, 2014.

Figura 11 – Interação dos participantes da oficina



Adultos construindo croquis e conversando sobre as principais demandas e carências do bairro e crianças ao fundo desenhando suas representações de espaço.

Fonte: O autor, 2014.

## 2.5 Cartografando a Granja Guarani: Trabalhos de gabinete

Os trabalhos de gabinete consistem em sintetizar as informações coletadas em um único mapa síntese, além do relato oral e escrito coletado nas oficinas. Primeiramente, tornou-se necessário selecionar os croquis e desenhos que seriam utilizados como base para a construção do mapeamento participativo, visto que alguns não seguiram a ideia da oficina, como por exemplo, eventuais desenhos feitos pelas crianças. Em seguida, houve uma análise e pesquisa cautelosa acerca dos recursos demarcados a fim unir o máximo de informações para facilitar no momento de localizá-los no mapa síntese. O terceiro passo foi listar cada um, evitando possíveis repetições. Vale ressaltar que no momento de construir efetivamente o mapa, devido a não localização de alguns recursos turísticos, houve uma necessidade de buscar informações em sítios da *internet* e questionar novamente os moradores sobre a localização.

### 3 RESULTADOS OBTIDOS

Este capítulo apresentará o desfecho do estudo de caso da Granja Guarani, tendo como resultado o Mapeamento Turístico Participativo elaborado na ferramenta *Google My Maps* e orientado pelas recomendações de Oliveira (2005) e o Diagnóstico Local Final, ambos oriundos das etapas detalhadas no capítulo anterior.

#### 3.1 O Mapeamento Turístico Participativo da Granja Guarani

A motivação e justificativa desta pesquisa é contribuir para um planejamento mais inclusivo do turismo de Teresópolis de modo que o mapa construído caracterize e valorize novos ou pouco explorados recursos turísticos apontados pela própria população e que estes recebam maior infraestrutura e gestão para se tornarem atrativos turísticos locais. Acredita-se que, tornando estes pontos mais “conhecidos” e valorizados, haveria uma ação por parte do poder público e um interesse em melhorar a infraestrutura destes locais, o que traria benefícios não só para os turistas como também para aqueles que ali residem, afinal o desenvolvimento do turismo está ligado à solução de questões básicas de infraestrutura e de segurança.

No momento mais crucial da construção, ou seja, no ato de inserir cada recurso turístico no mapa, contou-se com o auxílio da própria ferramenta, da descrição dos locais por parte dos residentes e de endereços encontrados em sítios da *internet*. O limite do bairro contido no mapa foi definido pela própria ferramenta do *Google*, sendo alguns ajustes realizados manualmente de acordo com as ressalvas dos participantes da oficina. A maior dificuldade encontrada foi localizar com precisão os recursos indicados, visto que alguns estão situados em áreas que carecem de pavimentação e distantes do centro do bairro e, por este motivo, não foi possível identificar estas áreas através de imagens de satélite do *Google My Maps*. Além disso, para aqueles que desconhecem os percursos de toda a extensão territorial da Granja Guarani, se torna complicado o deslocamento devido ao pouco número de placas de sinalização.

Ao construir um mapa, é necessário atentar-se para que todo leitor seja capaz de apreender a mesma mensagem, evitando possíveis ambiguidades. Sendo assim, de acordo com Oliveira (2005), o principal cuidado que se deve ter ao elaborar um mapa de caráter turístico é no momento de reproduzir as relações entre os atrativos. Aqueles que pertencem ao mesmo grupo (conforme diferentes tipos de turismo ou de atrativos turísticos) devem ser representados com signos (cores, texturas e formas) semelhantes, de modo que a diferença entre os variados grupos seja evidente. Sendo assim, no Mapeamento Turístico Participativo da Granja Guarani, os recursos turísticos foram cuidadosamente reproduzidos da seguinte maneira seguindo a recomendação de ícones do *Google My Maps*: os ícones amarelos representam empresas privadas do setor de serviços (bar, meios de hospedagem, mercado, etc.), os ícones em laranja representam serviços públicos (posto de saúde), os ícones em lilás são aqueles denominados pela ferramenta como “pontos de interesse” ou os atrativos turísticos histórico-culturais propriamente ditos (mirante, ponte, portal, dentre outros) e, por fim, os ícones em azul são aqueles voltados para recreação, entretenimento e/ou atividade física, ou seja, recursos de cunho natural/esportivo (campo de futebol, minas d’água, etc.).

É válido ressaltar que alguns recursos imateriais, ou seja, aqueles resultantes de processos culturais como as lendas e pratos detalhados no item 1.3, não podem ser mapeados. Entretanto, o fato de não estarem contidos no mapa não descarta a importância de representarem a cultura folclórica e gastronômica da Granja Guarani que também podem atrair turistas.

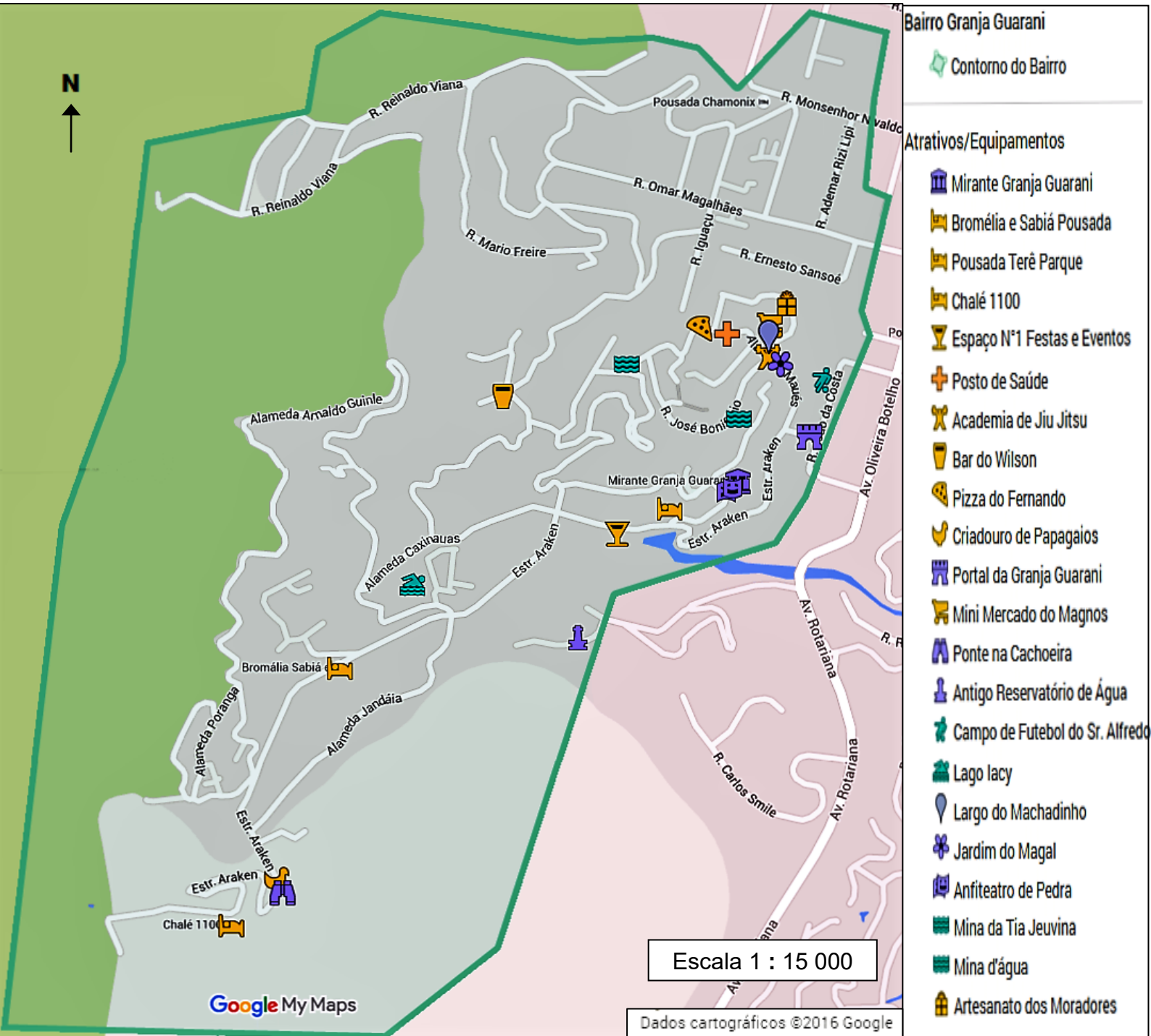
Não apenas recursos foram indicados pelos moradores durante a oficina, mas alguns equipamentos turísticos também, denominados pelo Ministério do Turismo (2011) como itens da oferta de meios de hospedagem, restaurantes e de empresas ou profissionais de receptivo, que apresentam sinalização turística e centros de atendimento ao turista.

Os recursos e equipamentos apontados possuem razões por estarem inseridos neste mapa. Sendo assim, uma tabela foi elaborada, também através da ferramenta *Google My Maps*, apresentando as descrições dos pontos e os motivos pelos quais cada um deve ser apreciado e/ou não mais abandonado na visão dos participantes da oficina.

O mapa (figura 9) e a tabela (figura 10) a seguir representam a percepção dos moradores quanto ao que deveria ser (re)valorizado e considerado como atrativo turístico e equipamento da Granja Guarani:

Figura 12 – Mapeamento Turístico Participativo da Granja Guarani

# Mapeamento Turístico Participativo da Granja Guarani



Mapa construído com a colaboração de moradores do bairro Granja Guarani (Teresópolis, RJ).  
Fonte: O autor, 2016.

Figura 13 – Tabela de possíveis atrativos e equipamentos da Granja Guarani

	nome	descrição
1	Mirante Granja Guarani	Aprazível atrativo, porém abandonado, pichado e depredado.
2	Bromélia e Sabiá Pousada	Meio de hospedagem com instalações de charme e conforto.
3	Pousada Terê Parque	Meio de hospedagem em harmonia com a natureza.
4	Chalé 1100	Meio de hospedagem que dispõe de piscina natural e cachoeiras.
5	Espaço N°1 Festas e Eventos	Espaço para realização de eventos.
6	Posto de Saúde	Prestação de serviços de saúde aos turistas, caso necessário.
7	Academia de Jiu Jitsu	Desenvolve projetos para crianças carentes.
8	Bar do Wilson	O ponto de encontro dos amigos.
9	Pizza do Fernando	A melhor pizza do bairro.
10	Criadouro de Papagaios	Belo lugar para passear e admirar a fauna brasileira.
11	Portal da Granja Guarani	Pilares construídos em meados de 1930, acredita-se ser a primeira construção do bairro.
12	Mini Mercado do Magnos	Parceiro e colaborador de todos os eventos do bairro.
13	Ponte na Cachoeira	Linda cachoeira para tirar fotos.
14	Antigo Reservatório de Água	Construções antigas e abandonadas.
15	Campo de Futebol do Sr. Alfredo	Utilizado por crianças do União Futebol Clube.
16	Lago lacy	Palavra no Idioma Tupi Guarani que significa "lua", belo porém se encontra assoreado.
17	Largo do Machadinho	Principal centro comercial do bairro; há pelo menos duas minas d'água (nascentes) no local.
18	Jardim do Magal	Pequena encosta onde era depositado o lixo do bairro e um morador (Magal) recuperou fazendo um pequeno jardim.
19	Anfiteatro de Pedra	Área a céu aberto para confraternizações.
20	Mina da Tia Jeuvina	Nascente d'água.
21	Mina d'água	Nascente d'água.
22	Artesanato dos Moradores	Endereço de senhoras (Glória, Maria das Graças e Fátima) que fazem artesanatos; falta local para exposição.

Tabela elaborada no *Google My Maps* com nome e descrição dos possíveis atrativos e equipamentos identificados pelos moradores do bairro.

Fonte: O autor, 2016.



É válido salientar que tais descrições, enquanto justificativas para cada ponto estar no mapa, foram mencionadas pelos participantes da oficina supondo-se que posteriormente o mapeamento poderia transformar-se em um roteiro turístico. Isto é, na percepção dos moradores não apenas pontos de atração são importantes para atender as necessidades dos turistas, mas o “Posto de Saúde” e o “Mini Mercado do Magnos” também, considerando-se a integridade física e as necessidades fisiológicas básicas dos visitantes, como a alimentação.

Espera-se que, de fato, o mapa forneça subsídios e que incentive os moradores da Granja Guarani em construir um roteiro turístico, ainda inexistente, fato que confirma o esquecimento do bairro no “trade turístico” da cidade por parte daqueles que planejam o turismo local. Além disto, este roteiro não destinaria-se somente aos turistas, mas poderia “apresentar” aos teresopolitanos outro bairro que possui potencial para entretê-los e representar sua cultura, pois de acordo com Carvalho (2006) uma cidade não pode ser turística se não for, sobretudo, prazerosa para seus moradores. Ademais, devido a identificar e divulgar possíveis atrativos e equipamentos com o propósito de reconhecer o que for suscetível de utilização para fins turísticos, o MTP pode contribuir para a elaboração de um Inventário da Oferta Turística, definido pelo Ministério do Turismo (2016) como um levantamento dos atrativos, serviços e equipamentos turísticos voltados para o planejamento e promoção, que viabiliza prioridades para os recursos turísticos e estimula o turismo sustentável.

### **3.2 Diagnóstico Local Final**

De modo geral, percebe-se que muitos moradores da Granja Guarani enquanto moradores da cidade de Teresópolis não a consideram uma cidade turística. Entretanto, durante a oficina participativa, ocorreram conversas informais que contribuiriam para que os participantes “tirassem a venda dos olhos”, fizessem um reconhecimento local e apontassem diversos pontos de interesse que seriam os atrativos turísticos do seu bairro.

Tais conversas informais revelaram que a ausência do potencial turístico do município no imaginário e no cotidiano de grande parte da população advém não apenas dos pressupostos riscos ambientais, mas também do reduzido uso dos equipamentos de lazer e atrativos turísticos locais por parte dos teresopolitanos, seja por conta da falta de conhecimento ou insatisfação. Chegou-se a conclusão que Teresópolis e todos os seus bairros possuem potencial turístico, todavia carecem de infraestrutura e zelo por parte das políticas

públicas e também dos próprios moradores que destroem os patrimônios, um dos principais combates realizados pela AMAGG.

Como potencialidade, o bairro recebeu destaque pelas vastas áreas verdes, por sua história, cultura e monumentos (ainda que em mal estado de conservação) e pela hospitalidade e união de seus moradores, representados por uma associação presente e que luta pelos interesses da maioria e futuro de suas crianças. Quanto as principais carências do bairro, muito ainda deve ser feito para que o turismo se desenvolva de forma sustentável. Os habitantes da Granja Guarani salientaram ausência de saneamento básico, de planejamento do lixo e de um sistema de coleta e tratamento de esgoto, problemas ainda frequentes em muitos outros bairros também. Ademais, enfatizaram a falta de pontos de coleta de lixo seco para reciclagem, processo pouco incentivado pela prefeitura, além da inexistência de drenagem de água da chuva, fator que acarreta em enchentes. Na área da saúde e educação pública alguns problemas também foram apontados, como a ausência de dentistas e alfabetização para adultos nas escolas, por exemplo. Não há cobertura nos pontos de ônibus nem locais de incentivo para exposição de artesanatos dos moradores ou realização de cursos. Em relação ao turismo e às áreas de lazer, os moradores afirmam que há poucos locais para entretenimento das crianças, falta de equipamentos de lazer em locais públicos e cuidado com alguns pontos já apontados anteriormente, além da má sinalização e falta de interesse das autoridades em reverter a lastimável situação.

Torna-se evidente a necessidade de investimento local, monitoramento e criação de novas políticas públicas voltadas para o turismo. Em contrapartida, acredita-se que o poder público municipal não é o único responsável pela atual e deplorável situação em que se encontram os recursos turísticos da Granja Guarani, visto a ausência de zelo em manter o patrimônio natural e cultural do bairro por parte de alguns moradores e o desinteresse do poder privado em investir em atrativos turísticos locais.

Sugere-se algumas propostas no âmbito social, ambiental e econômico, como sensibilizar a população do bairro quanto aos benefícios advindos do turismo devido ao desconhecimento do potencial dos serviços e equipamentos turísticos e do turismo como atividade econômica rentável. Dado ao atual estado de poluição e negligência do Lago Iacy e do Mirante da Granja Guarani, os “atrativos” mais populares do bairro, torna-se necessário uma campanha educativa sobre a valorização do meio ambiente e dos patrimônios com o objetivo de fomentar a educação ambiental e a participação dos residentes na atividade turística, como na elaboração de roteiros a pé, por exemplo, já realizados em outros bairros da

cidade e oferecidos como produtos turísticos via *facebook*, neste caso o próprio MTP da Granja Guarani poderia ser utilizado em questão.

Visando atender as demandas apontadas pelos residentes e melhorar sua qualidade de vida, seria plausível a criação de um sistema de coleta e tratamento de lixo e esgoto domiciliar, escolas amplas com maior variedade de classes e consultórios dentários públicos. Apesar da menor gravidade, a questão dos transportes não pode ser descartada, os pontos de ônibus devem possuir cobertura. Além disso, para incentivar o turismo local é preciso garantir que os turistas consigam se deslocar pelo bairro com facilidade, nesse sentido uma sinalização turística aliada a um transporte turístico que circulasse não apenas pela Granja Guarani, mas que integrasse as áreas turísticas da cidade seria interessante para introduzir o bairro no “trade” turístico de Teresópolis e incentivar o uso do transporte coletivo, o que amenizaria congestionamentos e poluição urbana.

A iniciativa privada também é importante para desenvolver o turismo, visto que pode realizar investimentos na criação e manutenção de atrativos, equipamentos e serviços turísticos, transportes, dentre outros. Os problemas de ausência de locais para realização de cursos, exposição de artesanatos e dentre outros apontados pelos moradores do bairro poderiam ser solucionados com a parceria entre capital público e privado, por exemplo.

Nota-se que para desenvolver e aperfeiçoar a atividade turística na Granja Guarani algumas melhorias no turismo em escala municipal devem ser realizadas, como reverter a percepção de Teresópolis como destino “apenas de final de semana”, atraindo maior demanda durante os dias semanais, através de eventos e maior união dos empresariados do setor turístico, por exemplo. Outra fraqueza é a carência de pesquisas recentes sobre o perfil, comportamento de consumo dos visitantes e outros dados turísticos, fator crucial para entender suas preferências, saber atrair maior demanda e investir em empreendimentos e atrativos turísticos para obter um retorno considerável. Incentivar estudos de demanda turística no município oferecendo vagas de estágio para estudantes do ramo, por exemplo, seria uma boa solução para os problemas de insuficiência de dados turísticos e de estágios em turismo na cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fundamental que não apenas as políticas públicas ou privadas do turismo se preocupem com a produção de dados acerca da atividade turística. As pessoas envolvidas, como os próprios moradores de uma determinada localidade, também deveriam contribuir para gerar informações sobre o número de produtos turísticos do seu município e suas demandas, a qualidade dos serviços turísticos oferecidos ou o grau de satisfação dos turistas e dos residentes para com os equipamentos turísticos por exemplo. Informações como estas são preciosas e úteis para cartografar e, além disso, incentivam a participação da comunidade na geração de dados e no planejamento turístico, visto que os mapas servem como ferramentas de gestão, apoiando na decisão de políticas e planos de incremento ao turismo.

Aqueles envolvidos com o planejamento do turismo devem saber da potencialidade da cartografia nessa atividade, neste sentido, os resultados finais deste Trabalho de Conclusão de Curso serão disponibilizados em sítio e entregues à prefeitura da cidade e à associação de moradores da Granja Guarani, a AMAGG, para que possam utilizá-los em função do desenvolvimento do turismo local.

Espera-se que o mapa e o diagnóstico forneçam subsídios para um planejamento mais inclusivo do espaço turístico de Teresópolis, seja para a elaboração de um novo inventário de atrativos ou para uma maior valorização das áreas pouco exploradas pelas políticas públicas do município e, que incentivados por este trabalho, os atores sociais almejem a realização de cartografias sociais em outras localidades também. Acredita-se que este mapeamento pode emanar planos e ações com foco nas atividades turísticas, lista de demandas ao poder público, processos de gestão mais participativos e sustentáveis dos recursos locais, roteiros turísticos alternativos, dentre outras possíveis táticas de reconstrução da imagem turística em face aos desastres de 2011 que ainda prejudicam o desenvolvimento do turismo no município.

## REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, H., COLI, L. R. *Disputas Cartográficas e Disputas Territoriais*. In: ACSELRAD, H. (org.). *Cartografia Social e Território*. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008.
- ACSELRAD, H. (org.). *Cartografia Social e Território*. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. (org.) et al. *Caderno de debates Nova Cartografia Social: Conhecimentos tradicionais e territórios na Pan-Amazônia*. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia / UEA Edições, 2010.
- ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E AMIGOS DA GRANJA GUARANI. *Blog Granja Guarani Iluminada*. Teresópolis: Leonardo Calazans, 2009. Disponível em: <<http://granjaguaraniiluminada.blogspot.com.br/>> . Acesso em: 12/09/2015.
- BOULLÓN, Roberto C. *Planejamento do espaço turístico*. Bauru: Edusc, 2002.
- BRAGA, M. M. ; CASTRO, C.M.. *Mapeamento de Atrativos Turísticos Atuais e Potenciais com base em Cartografias Sociais visando o Planejamento do Espaço Turístico em Teresópolis (RJ)*. In: UERJ SEM MUROS, 25., 2014, Rio de Janeiro. Anais de Resumos da UERJ Sem Muros, 2014. v. 1. p. 759-759.
- BRAGA, M. M.; MACHADO, N. C. A.; CASTRO, C. M.. *Percepção Ambiental como Instrumento de Avaliação Potencial Turístico: um estudo de caso em Teresópolis (RJ)*. In: ENCONTRO DE HOSPITALIDADE E TURISMO (ENHTUR), 5., 2013, Niterói. Espaços e Territórios Dialogando com o Turismo. Niterói: Editora da Uff, 2013. v. 1, p. 368 - 372.
- BRASIL. Ministério do Turismo (MTur). *Estudos de competitividade de produtos turísticos*. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.
- CARVALHO, C. L. de; BARBOSA, L. G. M. (org.). *Discussões e propostas para o turismo no Brasil: Observatório de Inovação do Turismo*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2006. 283 p.
- CARVALHO, Stella Maria Sousa. *A percepção do turismo por parte da comunidade local e dos turistas no município de Cajueiro da Praia - PI*. *Revista Turismo em Análise*, [s.l.], v. 21, n. 3, p.470-493, 1 dez. 2010. Universidade de Sao Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP.
- CASTRO, Celso A. P. *Sociologia Aplicada ao Turismo*. São Paulo: Editora Atlas, 2002.
- CENSO 2010. Apresenta informações sobre a Granja Guarani (Teresópolis, RJ). Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/>> . Acesso em: 10/05/2016.
- DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (org.). *Percepção Ambiental: a experiência brasileira*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

DUARTE, P. A. *Fundamentos de cartografia*. 3 ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008. 208 p.

DUARTE, P. A.. *Cartografia temática*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1991.

DUQUE, R. C.; MENDES, C. L.. *O planejamento turístico e a cartografia*. Campinas: Editora Alínea, 2006. 92 p. 1000 v.

FERREIRA, T.S.F; ALVES, S.L.P.; SAOU, A.M.L.. *O artesanato em garrafas de areia colorida da praia de Majorlândia (CE): uma experiência em mapeamento participativo*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA, 16., 2014, Gramado. Congresso Brasileiro de Cartografia. Gramado, 2014. v. 1, p. 1-15.

G1. O portal de notícias da Globo apresenta dados sobre a tragédia de 2011 que ocorreu em Teresópolis (RJ). Disponível em: <<http://g1.globo.com/>> . Acesso em: 08/11/2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Apresenta informações gerais sobre a cidade de Teresópolis (RJ). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>> . Acesso em: 08/11/2015.

KRIPPENDORF, J. *Sociologia do Turismo*. Para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2009.

LAMEGO, A. R. *O homem e a Serra*. Edição fac-similar. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

MENDONÇA NETO, O. *A cartografia inovadora: uma reflexão sobre a cartografia social ciência ou arte?*. In: ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA (EGAL), 14., 2013, Lima. Anales Reencuentro de Saberes Territoriales Latinoamericanos. Lima: Unión Geográfica Internacional Perú, 2013. v. 1, p. 1 - 13.

MENEZES, P. M. L. ; FERNANDES, M. C.. *Roteiro de Cartografia*. 1. ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2013. v. 1. 288 p .

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 404 p. Tradução de: Pedrinho A. Guareschi.

MINISTÉRIO DO TURISMO. Apresenta informações gerais sobre o Inventário da Oferta Turística e o processo de inventariação. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/>> . Acesso em: 11/05/2016.

OLIVEIRA, Ivanilton José. *A cartografia aplicada ao planejamento do turismo*. Boletim Goiano de Geografia, Goiania, v. 25, n. 1, p.29-46, jan. 2005.

PICKLES, J. *A history of spaces: cartographic reason, mapping and the geo-coded world*. London and New York: Routledge, 2004.

PINDER, D.. Review essay: *Cartographies unbound*. Cultural Geographies, [s.l.], v. 14, n. 3, p.453-462, 1 jul. 2007. SAGE Publications.

SACHS, I. *Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente*. São Paulo: Studio Nobel e FUNDAP, 1993.

SEBRAE-SP. *Cadernos de atrativos turísticos: entendendo o atrativo turístico*. São Paulo: SEBRAE, 2010.

TAYLOR, D.R.F. *Uma base conceitual para a cartografia: novas direções para a era da informação*. Seleção de textos: Laboratório de Ensino e Material Didático. Departamento de Geografia – USP. v.1, n.1, p.11-20, 1994.

VEYRET, Y. (org.). *Os riscos. O homem como agressor e vítima do meio ambiente*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 11-22.

WEIZMAN, E. *Contested terrain: interview with Stephen Zacks*. London: Else/Where, 2012.

XAVIER, H.. *A percepção geográfica do turismo*. São Paulo: Aleph, 2007. 106 p. (Série Turismo).